

O USO DE AGROTÓXICO NA PARAÍBA: um estudo de caso nos municípios de Sousa e Cubati

Raisa Maria de Sousa Regala¹
Emília de Rodat Fernandes Moreira²

Esse trabalho é fruto de uma pesquisa realizada junto ao Grupo de Estudos Trabalho Espaço e Campesinato - GETEC, a mesma encontra-se em fase inicial, porém o artigo trará alguns apontamentos de pesquisa e breves resultados. O processo de uso de agrotóxico, no Brasil, está atrelado ao processo de modernização da agricultura implantada durante os governos militares, no Nordeste esse período pode ser relacionado as políticas hídricas e as implantações de perímetros irrigados, esses visavam satisfazer as necessidades de exportação e o consumo das grandes cidades que necessitavam de suprimentos periódicos de alimentos (GOMES, 2002). Tais Projetos previam ainda a ampliação da criação de empregos, a elevação do nível de renda da população e a promoção do crescimento da produção agrícola no semiárido. Desses objetivos, porém o único que se concretizou foi a elevação da produção de culturas comerciais. Essas promoções desenvolvimentistas para o campo eram políticas que incentivavam o setor industrial que estava voltado para a produção de equipamentos e de insumos para a agricultura, sendo em todos esses processos desigual e excludente, onde observa-se um menor ou nenhum número de créditos, do Estado, para os pequenos produtores e muito investimento para os grandes, assim gerando um avanço do agronegócio, isso podendo ser observado até os dias de hoje. Atualmente percebe-se um interesse do Estado nesse processo para com o crescimento da balança comercial, com isso havendo um incentivo da monocultura e fruticultura, primeiramente para exportação e posteriormente para atender o mercado nacional, para tanto vê-se um uso indiscriminado de insumos agrícolas e sementes transgênicas, onde essa forma de cultivo é bastante danosa para saúde ambiental, do trabalhador e do consumidor. Os supracitados insumos, tóxicos a saúde, são, em especial, os agrotóxicos, que são considerados produtos químicos que são responsáveis pelo combate (entende-se morte de alguns) de insetos, pragas, ervas daninhas, doenças. Compreendendo assim que à nocividade do agrotóxico também para os seres humanos, já que nos incluímos como seres vivos. Sendo eles muito mais utilizados em produção de largas escalas, as

¹ Universidade Federal da Paraíba - UFPB raisa.mar@hotmail.com

² Universidade Federal da Paraíba – UFPB erodat@hotmail.com

chamadas *commodities*, onde observa-se assim um crescimento de mais de 90% no seu uso. No momento de sua aplicação várias são as substâncias que infiltram no solo e chegam até o lençol freático, assim contaminando os dois, outras tantas escoam superficialmente chegando até os rios, com isso o uso de agrotóxico não só contaminam aquela área de aplicação. Carneiro et al (2015) mostra a permissividade dos níveis de agrotóxicos para que a água seja considerada potável, assim podendo relacionar que o aumento desses componentes na água cresce de acordo com o nível de crescimento do uso, e vice-versa, de 1973 à 2011 cresceu de 12 tipos para 27 tipos, bem quanto a quantidade de cada substância encontrada, mas os males dos mesmos podem não ser observados a curto prazo, pois apenas o acúmulo da mesma trazem danos à saúde. Além de serem substâncias carcinogênicas e como já citados, trazerem problemas só a longo prazo, eles também podem, instantaneamente, causar intoxicações, no Brasil, apesar dos altos números de intoxicações, ainda se enfrenta, maior ainda, o de subnotificações, que segundo Bombardi (2012), para cada caso notificado existem mais outros 50 que não foram. Dos 3.620 casos de intoxicação causados por agrotóxicos agrícolas que foram notificados no Brasil em 2012, 28 deles foram na Paraíba segundo dados do SINAN/DATASUS, já o SINITOX registrou 4.656 casos de intoxicações no Brasil no mesmo ano, e 33 casos no estado, o ano escolhido relaciona-se com os dois casos dos recortes escolhidos, em Cubati, onde uma jovem faleceu em decorrência do uso de agrotóxico, e Sousa, onde uma grande empresa inicia a pulverização de agrotóxico e são relatados vários casos de intoxicação, mas apesar disso não se encontra notificação em relação ao município de residência, nenhum no primeiro e apenas dois no segundo. Aqueles números poderiam ser maiores, mas muitos casos não são notificados. Carneiro et al (2012) coloca que, para nós, seres humanos, existem inúmeros problemas que podem ser causados por agrotóxico, que vão da já falada intoxicação até o câncer, passando por problemas de má formação fetal alterações hormonais que são postas pelo médico Odent (2013) quando põe em seus estudos que alguns cientistas assimilaram que alguns produtos químicos podem ser potencializados e imitam hormônios, com isso ele relaciona a má formação dos órgãos masculinos a esse fato. Entendendo todos esses males causados pelo uso de agrotóxico, e compreendendo que isso ocorre dentro do Perímetro Irrigado Várzeas de Sousa, e que os malefícios desse uso indiscriminado poderiam afetar não só o perímetro, que o MST vem através de ações combativas com ocupações e manifestações, tentando denunciar o acontecido. Mas eles são hostilizados e o movimento sofre judicialização, como aconteceu no ano de 2013, uma das

lideranças do MST foram acusadas de crime, quando houve a ocupação da empresa instalada no perímetro, como uma forma de denunciar o uso, seus males a saúde, em uma ação do 8 de março, a partir da luta pela soberania alimentar, bem como também denunciar o papel de Estado diante da empresa e a falta de fiscalização quanto a pulverização, quando ele compactua com um ato criminoso, onde há uma pulverização de agrotóxico e essa contamina a saúde ambiental do lugar. Outras ações combativas de ocupação se dão pelo fato de assentados irem ao hospital com sintomas de intoxicações, e os médicos não fazem exames mais precisos que possam comprovar e relacionar, já que essas ocorrem no mesmo período de pulverização da empresa. Mas não só de ação combativas age o MST, este vem também através de formas alternativas, com o uso de vem lutando por essas alternativas, através de defensivos naturais para a proteção da lavoura e que alguns assentados vem praticando no Assentamento Nova Vida I e dos acampamentos dentro do perímetro irrigado. Em Cubati, quando uma jovem chega a óbito, com aplasia medular, após o contato com agrotóxico. A mesma trabalhou por alguns meses no cultivo do tomate, mas observou que seria prejudicial à saúde do feto, passou apenas a lavar a roupa do seu marido quando o mesmo chegava do trabalho. Tempos depois passou a observar que havia sangramento gengival e manchas na pele, foi internada e quando completou seis meses de gravidez foi transferida para o hospital de Recife, após o nascimento do filho, pouco tempo depois a mesma chega a óbito, com sangramento pulmonar e aplasia medular. O pai da jovem afirma que durante o período que esteve no hospital foram coletados sangue, a última vez foi dito que seria para fazer a análise e assim confirmar que a morte estaria relacionada com o agrotóxico, até o momento de conversa com o mesmo nenhum laudo foi repassado, e ele afirma que a morte da filha tem relação ao veneno. Mas uma vez pode ser observado o descaso do Estado, quando é “negado” o laudo de confirmação de que a morte da jovem tem relação com uso. Conclui-se que a grande propriedade, quando trabalha no molde da industrialização, sendo altamente danosa e prejudicando a saúde ambiental não só em escala local, já que como foi visto o mesmo pode se espalhar de várias formas, sem preocupação alguma com as consequências, já que essa tem como objetivo de produzir de forma a extrair o máximo de lucro possível. Mas também foi observado que pequenos também estão prejudicando a saúde ambiental, quando as políticas de créditos oferecidos para os mesmos obrigam a uma forma de produção e quando os programas do governo direcionam a um molde de produção, todos esses pautados na modernização e no maciço uso de agrotóxicos. Assim observa-se que o papel do Estado no

processo de modernização, incentiva e financia o capital. Com isso entende-se que uma forma de denunciar e lutar contra esses acontecimentos os trabalhadores se unem e são apoiados pelos movimentos sociais reivindicam para que o território não se torne hostil à vida.

BOMBARDI, L. M. Agrotóxicos e agronegócio: arcaico e moderno se fundem no campo brasileiro.. In: Tatiana Merlino; Maria Luisa Mendonça. (Org.). Direitos Humanos no Brasil - 2012. 1ed.São Paulo: Rede Social de Justiça e Direitos Humanos, 2012, v. 1, p. 75-86.

CARNEIRO F.F. (Org) Dossiê ABRASCO: um alerta sobre os impactos dos agrotóxicos na saúde / Organização de Fernando Ferreira Carneiro, Lia Giraldo da Silva Augusto, Raquel Maria Rigoto, Karem Friedrich e André Campos Búrigo. - Rio de Janeiro: EPSJV; São Paulo: Expressão Popular, 2015.

CARSON, R., 1907 – 1964. Primavera silenciosa / Rachel Carson; [traduzido por Claudia Sant'Anna Martins]. – 1. ed. – São Paulo: Gaia, 2010.

Dourado, J. A. L.. Das terras Sem Fim aos Territórios do Agrihidronegócio: conflitos por terra e água no vale do São Francisco. – Presidente Prudente: [s.n.], 2015. 361 f. : il. (Tese de Doutorado).

MOREIRA, E., TARGINO, I. Capítulos de Geografia Agrária da Paraíba. João Pessoa: Universitária UFPB, 1997.

PERES, F. (Org). É veneno ou é remédio? Agrotóxicos, saúde e ambiente. / Frederico Peres. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2003.

ODENT, M., O camponês e a parteira: uma alternativa à industrialização da agricultura e do parto / Michel Odent; [tradução de Sarah Bauley]. São Paulo: Ground, 2003.

REGALA, Raisia. Conquistar a terra não é suficiente: o uso de agrotóxicos pela empresa Santana e a luta dos assentados do Nova Vida I pela vida na terra / Raisia Maria de Sousa Regala. – João Pessoa, 2014.